

★★★
EDIÇÃO ESPECIAL
★★★

Informativo do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais • www.cefetmg.br

• DIAGRAMA •

CEFET-MG é notícia



AS VOZES DO ENSINO REMOTO

Modalidade completa três meses de
implantação com conquistas e desafios

páginas 2 e 3

• SUPERAÇÃO •

Instituição se reinventa para possibilitar ensino remoto, tem aprovação de mais de 70% dos alunos, mas ainda enfrenta adversidades

páginas 4 a 6

• LINHA DE FRENTE •

Em menos de dois meses, mobilização de setores-chave resulta na implementação do Ensino Remoto Emergencial

páginas 14 e 15

• QUERIDO DIÁRIO •

Annalyce Gomes, aluna do curso técnico de Meio Ambiente, conta como tem sido a rotina de estudos durante o ensino remoto

página 16

Ensino emergencial completa três meses com aprovação da comunidade acadêmica

Ainda que com aspectos a melhorar, modalidade vem tendo ampla aceitação por parte de alunos, familiares e servidores

• André Luiz Silva •

De acordo com o Painel de Monitoramento do Ministério da Educação (MEC), a maioria das Instituições de Educação Superior federais, entre Universidades e Institutos, já retomou suas atividades acadêmicas, por meio de aulas remotas. O CEFET-MG, que está entre essas Instituições, no dia 12 de novembro completa quatro meses de implantação do Ensino Remoto Emergencial (ERE) em seus três níveis de ensino: técnico de nível médio, graduação e pós-graduação.

Ainda que o ERE do CEFET-MG esteja com aprovação de mais de 70% entre os estudantes, segundo questionário respondido pelos discentes em setembro, são muitos os percalços relacionados à nova modalidade. Para o presidente da Comissão Geral de implantação do ensino remoto, professor Sérgio Gomide, com base na pesquisa, duas questões estão

entre as principais dificuldades enfrentadas não apenas por alunos, mas por professores e técnicos: em conciliar o estudo/trabalho com as atividades de casa e o excesso de tarefas, sobretudo assíncronas (aquelas que não são simultâneas).

Tais questões, diz Gomide, têm gerado muito cansaço em todos os envolvidos no ensino remoto, de ambos os lados da tela, o que sugere medidas em curto e médio prazos para reverter ou minimizar essa situação. “Que possamos instituir, com a máxima antecedência, pausas regulares no nosso calendário, porque nós precisamos descansar. Esse excesso indica fadiga. O conteúdo das disciplinas não é o principal. O principal é vermos quais processos de ensino e aprendizado são viáveis e possíveis no atual contexto. E isso exige uma readequação de todos”, defende o professor.

• EXPEDIENTE •

Diretor-Geral

Prof. Flávio Antônio dos Santos

Vice-Diretora

Profª. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

Secretário de Comunicação Social

Luiz Eduardo Pacheco

Editores

André Luiz Silva
MTB 15.533/MG
Andréa Santiago
369/RR

Projeto Gráfico

Brígida Mattos

Diagramação

Pedro Godoy

Ilustração

Luciana Ruiz Vilhena

Equipe de Jornalismo

Andréa Santiago
Diogo Tognolo
Flávia Dias
Gilberto Todescato Telini
Nívia Rodrigues

Colaboração

Isabela Reis



Av. Amazonas, 5.253 • Nova Suíça • Belo Horizonte • MG •
CEP 30.421-169 •
Tel. (31) 3319-7004
redacao@cefetmg.br | www.cefetmg.br

ERE, sim

A pesquisa realizada em setembro, que contou com 3.058 respondentes, entre estudantes, servidores e familiares dos alunos, mostrou ainda que o retorno das atividades acadêmicas, mesmo que remotamente, foi positivo para todos os envolvidos. Para Sérgio Gomide, o CEFET-MG e a comunidade acadêmica têm demonstrado um grande poder de resiliência, adaptação e aprendizado. “Nesse cenário, um ponto que considero particularmente positivo é a reflexão coletiva que temos feito em torno de nossas práticas pedagógicas, com um intenso questionamento de concepções de educação centradas unicamente na lógica de acumulação de conteúdos escolares. Temos tentado nos reinventar e o que resulta desse processo tem sido uma permanente reflexão sobre nossas práticas docentes”, afirma.

Tomando com base as respostas dos professores ao ERE, conta o diretor de Pesquisa e Pós-Graduação, Conrado Rodrigues, que “há uma satisfação de estar conseguindo atuar, retomar suas atividades didáticas e ter contato com os alunos, vencendo esses muitos desafios que o ensino remoto nos trouxe, profissionalmente e pessoalmente”.

Pensa da mesma maneira o professor Lázaro da Silva, que leciona nos cursos técnicos de nível médio no *campus* Varginha: “Sem dúvida alguma, não continuar o ano letivo é pior do que termos aula nas situações atuais”. O docente acredita que o ERE, de uma forma geral, trouxe pontos positivos, como o esforço do corpo docente, da coordenação pedagógica e da direção para identificar e ajudar alunos e famílias. “O CEFET-MG Varginha, por exemplo, já tinha um compromisso social com nosso alunado, agora vejo que está cada vez mais efetivo; para o estudante, acredito que a distância está fazendo com que compreenda melhor como os recursos *on-line* são aplicados, seu funcionamento e onde são hospedados, dando uma visão mais clara da nuvem que é a internet”, conta.

Por parte do estudante, a pesquisa revelou uma satisfação com a maneira que a maioria dos professores vem lidando com o ensino remoto, sobretudo o apoio para tirar dúvidas e fazer com que haja, de fato, aprendizado dos alunos. Mariana Mendes, que cursa Administração no *campus* Nova Gameleira (BH), compartilha dessa opinião: “Em geral, os professores têm sido compreensíveis e muito solícitos com atendimentos pelo sistema acadêmico, *e-mail* e até *WhatsApp*, sempre dispostos a tirar dúvidas e ajudar. Acredito que cada um tenha escolhido o melhor método para condução da sua disciplina, mas eles sempre têm perguntado durante as aulas sobre a compreensão do conteúdo, críticas e elogios”, conta a futura administradora.

Futuro

Embora não exista uma data para retorno das atividades presenciais, a expectativa é que a volta ocorra de maneira gradual, primeiramente, com um ensino híbrido, com atividades remotas e presenciais. Sobre isso, tanto a aluna Mariana Mendes, quanto o professor Lázaro da Silva são unânimes em relação a uma questão fundamental: o CEFET-MG necessita se preparar. “Precisa ser feita uma análise de quantos alunos retornarão e como será a logística de divisão dos horários para não haver aglomeração. Então, se tem a perspectiva de retorno do ensino híbrido, que comece a se planejar o quanto antes”, defende Lázaro. Mariana, por sua vez, acredita que o ideal é que seja uma volta gradual, levando em consideração pessoas do grupo de risco e seus familiares. “Para que isso aconteça, é importante que a Instituição esteja preparada para prover itens de higiene e limpeza para trazer mais comodidade e segurança a todos”, lembra.

Enquanto esse retorno, mesmo que gradual e híbrido, não acena no horizonte, resta protegermos uns aos outros, aperfeiçoarmos e trabalharmos pela qualidade do nosso ERE, como afirma Sérgio Gomide: “Acredito que a qualidade dos nossos professores e alunos é o que nos dá esperança, inspiração e força de vontade para que possamos melhorar, a cada dia mais, nosso ensino remoto”.

Ensino Remoto Emergencial	Implantado há três meses
 Satisfação com o ERE (estudantes)	70,39%*
 Lives realizadas sobre o ERE	17
 Visualizações das lives realizadas	43.663
 Ações de capacitação (cursos e webinários)	13
 Número de participantes nas ações de capacitação	3.002**
 Número de livros digitais (<i>e-books</i>) publicados	3

* Com base na avaliação do Ensino Remoto Emergencial, realizada em setembro de 2020.

** Um mesmo indivíduo pode ter participado de uma ou mais ações de capacitação.



Ensino Remoto traz desafios para inclusão digital e realização de disciplinas práticas

Mesmo com percalços, comunidade se reinventa para dar prosseguimento ao semestre letivo e garantir continuidade da vida acadêmica

• Nívia Rodrigues •

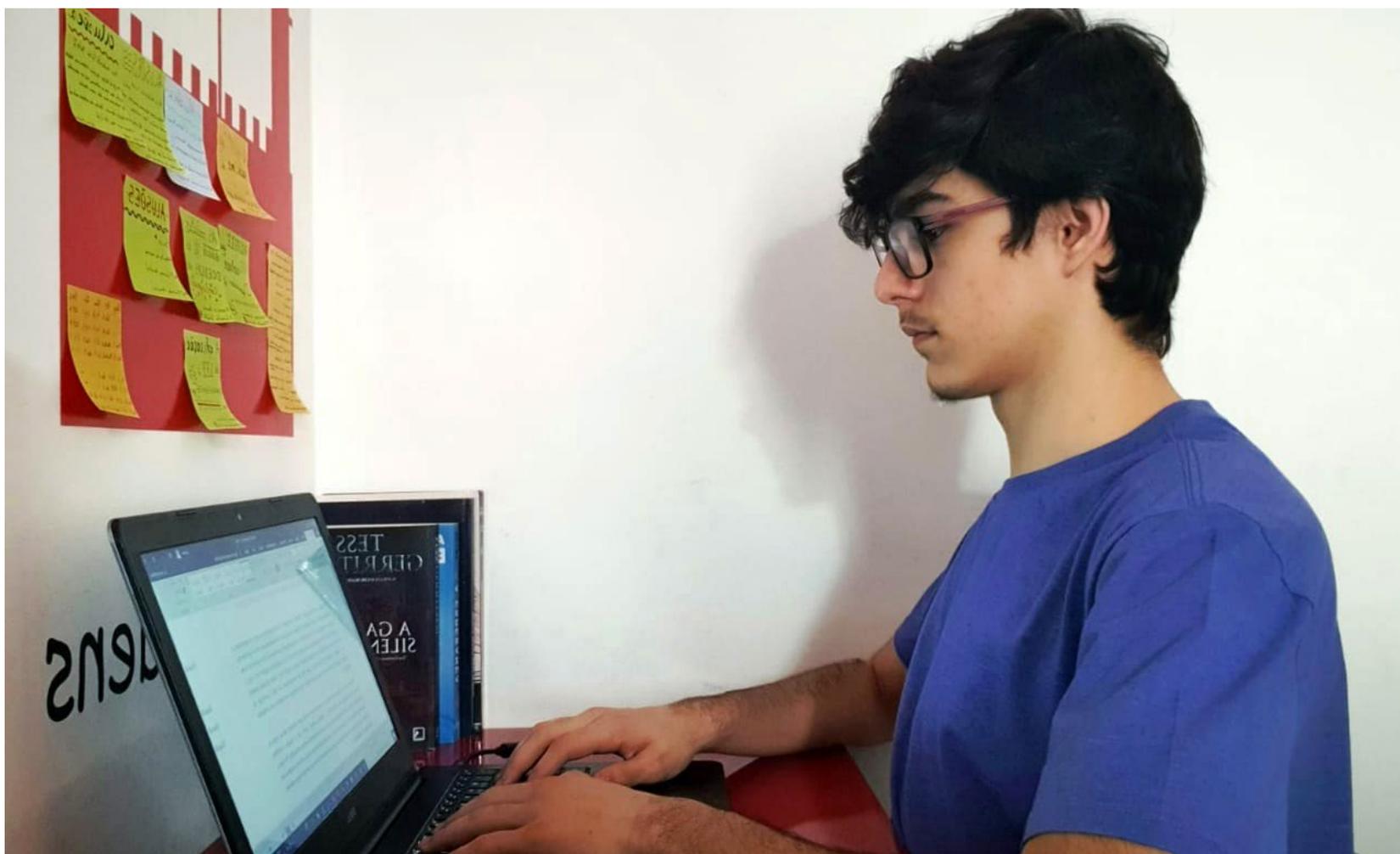
Que não foi fácil pra ninguém, a gente já sabe: o processo de adaptação ao “novo normal” tem sido um desafio diário para todos; cada pessoa, a seu modo, vem se redescobrimdo e reinventando o cotidiano. Para atender às especificidades da Educação Profissional Técnica de Nível Médio (EPTNM), o CEFET-MG também precisou se reorganizar. Não foi à toa que “superação de limites” foi um dos termos mais recorrentes pelos servidores durante a pesquisa de avaliação do Ensino Remoto Emergencial (ERE), realizada em setembro.

Samara de Abreu é aluna do 2º ano de Edificações no *campus* Curvelo e considera que o ERE está sendo “satisfatório”. “A dedicação dos professores em passar um ensino de qualidade e a disposição deles estão me ajudando”, avalia. Por meio de questionário *on-line* aplicado em setembro, a comunidade acadêmica pôde avaliar o ERE, e 70,39% dos estudantes da EPTNM que responderam à pesquisa concordaram “totalmente ou parcialmente” que é satisfatória a disponibilidade dos professores para atendimento de tira-dúvidas e acompanhamento.

Para Samara, a realização de trabalhos em grupo e a compreensão de determinadas matérias têm sido fatores preocupantes. “Muitos estudantes da minha sala não estão tendo compromisso no ERE e a falta de dedicação nos trabalhos em grupo afeta também os outros membros. Além disso, em alguns conteúdos, sinto que estou tendo dificuldades e que eu aprenderia melhor se fosse presencialmente”, enumera. Porém, mesmo com os percalços, a estudante conseguiu se adequar. “Já me sinto adaptada sim (ao ERE). A forma como foram organizadas as aulas síncronas e assíncronas foi muito boa”.

Segundo o diretor da EPTNM e presidente da Comissão Geral de Implantação do ERE, professor Sérgio Gomide, a principal dificuldade enfrentada pela Diretoria foi ter que lidar, em um curto prazo, com tantas questões técnicas num cenário desafiador, que exige medidas integradas, mas que respeitem as especificidades dos diferentes *campi*. O professor destaca, mais especialmente, três desafios: a capacitação dos professores, a definição e melhoria das plataformas utilizadas e a falta de acesso dos estudantes a equipamentos e tecnologias, já que a vulnerabilidade social, em maior ou menor grau, faz parte do perfil do estudante do CEFET-MG. “Continuam sendo pontos desafiadores e, com os recursos que dispomos, essas etapas estão sendo vencidas de forma cada vez mais coesa. São inúmeras as dificuldades, mas elas vão aparecendo e nós vamos atuando para mitigá-las da melhor maneira possível”, explica.

Havia uma preocupação da Diretoria e da Comissão, por exemplo, em limitar a quantidade de atividades síncronas, que são aquelas em que a interação entre professor e aluno acontece em tempo real. Mas, para a surpresa das equipes, relata Sérgio, os estudantes pediram por mais atividades síncronas do que assíncronas, em que não é necessário que alunos e professores estejam conectados ao mesmo tempo. Outra queixa comum foi o excesso de atividades, disciplinas e exercícios e, para atenuar, além da conversa constante com professores, foram propostos diferentes modelos, por *campus*, de “Semana de estudos autônomos”, para que a comunidade pudesse programar e organizar a vida acadêmica.



Gustavo Maximiano (campus Araxá) é contra o ensino remoto e argumenta que o uso das plataformas e a dificuldade de se ministrarem aulas práticas são alguns dos entraves

Prática

Os questionários avaliativos respondidos pelos docentes apontaram que, dentre os aspectos com os quais os estudantes demonstram maior dificuldade, está a falta de disciplinas técnicas, que é um grande entrave para o ensino médio técnico. Desafio esse reafirmado por Sérgio Gomide e por Gustavo Maximiano, aluno do 3º ano de Edificações no *campus* Araxá. “Eu continuo sendo contra a ideia do ensino remoto. A meu ver, seria muito mais produtivo o CEFET-MG pensar em como estruturar o ano de 2021 do que pensar em medidas de como usar o ensino remoto, como não sobrecarregar os alunos. Mas já que o ERE foi adotado, eu acho que tanto os estudantes, quanto os professores estão despreparados para essa modalidade nova”, argumenta. Mesmo com o posicionamento crítico ao ensino emergencial, Gustavo reconhece que o “CEFET está fazendo o máximo para passar todo o conteúdo aos alunos”.

As principais dificuldades para o estudante foram em relação ao uso das plataformas, como localizar os arquivos e baixar as aulas, e a falta de foco com as distrações fora do ambiente escolar. “Não me sinto totalmente adaptado a essa modalidade porque acho que o tempo ainda não foi suficiente. Não é uma adaptação que eu quero, porque eu prefiro as aulas presenciais às remotas, mas eu preciso dessa adaptação já que não se sabe até quando esse ensino vai continuar”, avalia.

Gustavo está atento ainda à realidade do corpo discente. “Tenho consciência que muitas pessoas não têm a mesma realidade que a minha, ou estão trabalhando ou não têm um computador próprio e essas são as dificuldades que os alunos em geral estão passando”.

Retorno

Os impactos da pandemia e do isolamento social devem se estender durante alguns anos e, nesse contexto, as disciplinas práticas serão priorizadas no retorno das atividades presenciais. Sérgio Gomide esclarece ainda que o ano letivo de 2020 será todo remoto e para 2021 já estão sendo definidos protocolos de atividades presenciais nos laboratórios para os estudantes da pós-graduação do CEFET-MG.

Para reduzir o impacto gerado pelo ensino de disciplinas práticas de forma remota, a Diretoria e a Comissão Geral do ERE estudam a possibilidade de implantar ações de educação continuada para que os estudantes da área técnica que se sentem em defasagem de aprendizado por conta do ERE possam complementar os estudos.

Programa auxilia estudantes no acesso à internet

Para atender às demandas imediatas de inclusão digital impostas pelo ERE, inicialmente, cerca de 2.100 estudantes que já eram contemplados com bolsa no CEFET-MG, por meio dos programas de assistência estudantil, receberam um complemento de R\$80 para aquisição de pacote de dados para acesso à internet.

Em um segundo momento, a partir de levantamento feito por meio de formulário *on-line*, a equipe da Diretoria de Desenvolvimento Estudantil (DDE) identificou outros 1.300 estudantes que ainda precisariam de auxílio para custeio de serviço de provedor de internet (para os estudantes ainda não contemplados), instalação de rede de internet em área rural, manutenção e aquisição de equipamentos complementares e aquisição de computadores.

A seleção está sendo realizada a partir de critérios socioeconômicos, comprovação das informações prestadas e de acordo com a disponibilidade orçamentária do CEFET-MG. A análise da documentação pelos assistentes sociais inclui, por exemplo, a confirmação se o estudante atende ao princípio de renda *per capita* inferior a 1,5 salário mínimo estabelecido pelo Programa Nacional de Assistência Social (PNAS), responsável pelo recurso. Aqueles que entregaram a documentação e assinaram o termo de solicitação começaram a receber o recurso em novembro.

“É importante entender que o Programa vai além do ERE. Por mais que pareça demorado, devido aos trâmites exigidos pela administração pública, as ações permitirão um universo de aproveitamento e de inclusão que vai perdurar depois do ERE, mudando a perspectiva de acesso à tecnologia e à internet”, acrescenta a diretora de Desenvolvimento Estudantil, professora Carolina Riente.

Chip

O CEFET-MG integra também o projeto “Alunos Conectados”, do Ministério da Educação (MEC). Mais de 1.800 estudantes receberam chips de celular com créditos para acesso à internet, recarregados pelo próprio MEC.

Iniciativas das diretorias de *campi* e de servidores contribuíram também para a redução da defasagem de equipamentos eletrônicos. Campanha realizada em BH pelos professores do Departamento de Computação (Decom) Sílvia Calmom, Adelson de Paula Silva e Kecia Aline Marques, por exemplo, arrecadou 26 computadores para estudantes do CEFET-MG e nove *tablets*, *netbooks* e *smartphones*, que foram doados para alunos de escolas públicas. A ação, além de recolher as doações, reparou os equipamentos que necessitavam de conserto.

Empréstimos de computadores pelos *campi*

Araxá: 15

Belo Horizonte • *campus* Nova Suíça: 67

• *campus* Nova Gameleira: 89

Curvelo: 15

Contagem: 28

(outros sete doados em parceria com a empresa Patrus Transportes)

Divinópolis: cerca de 60

Leopoldina: cerca de 40

Timóteo: 52

(outros quatro doados por meio de campanhas de arrecadação)

Nepomuceno: em fase de levantamento de demandas

Varginha: 20

(outras demandas sendo levantadas)



Acessibilidade no Ensino Remoto Emergencial: aprendizados e desafios

Recursos de ensino levam em consideração deficiência e dificuldade dos alunos

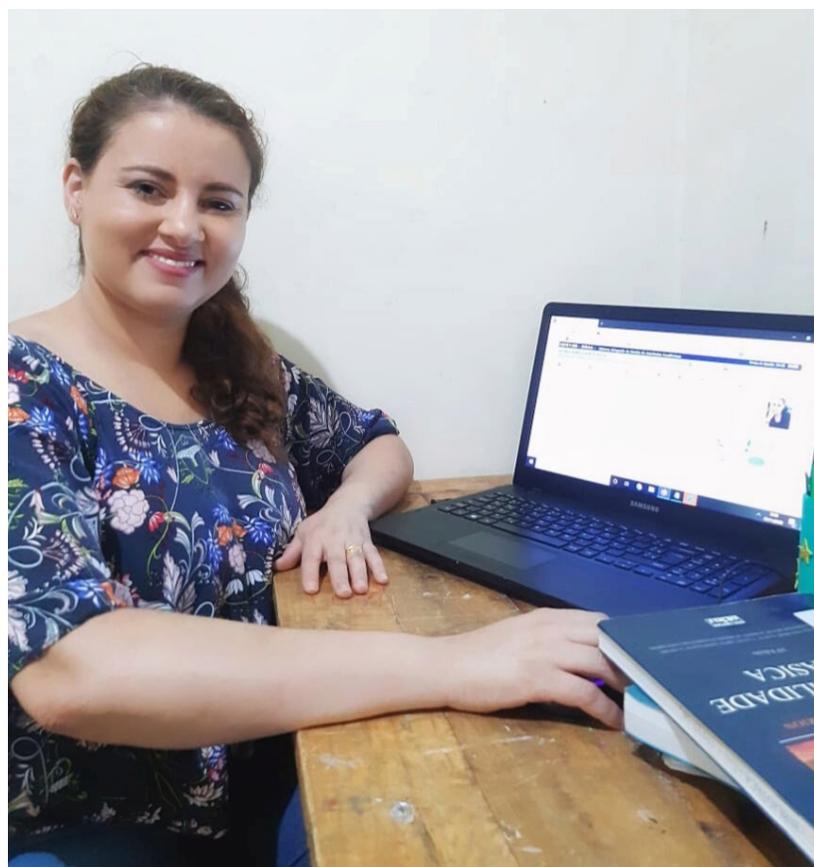
• Flávia Dias •

Solange Mendes é uma das estudantes do CEFET-MG que estão recebendo auxílios ofertados pela Instituição para assistirem às aulas remotamente. A aluna de Administração do *campus* Nova Gameleira foi contemplada com um pacote de dados para acesso à internet, bem como a disponibilização de duas intérpretes de Libras para a tradução simultânea das aulas síncronas, já que Solange possui deficiência auditiva. Além disso, para o aprendizado, ela utiliza outros recursos de comunicação, como *WhatsApp*, *chat* e *e-mail*, para tirar dúvidas com colegas e professores.

A nova rotina de estudos de Solange é bem mais complexa que antes do isolamento social; às vezes, encontra dificuldade para reservar horários para estudos em casa. “Sou casada, tenho dois filhos e trabalho em horário parcial, mas estou conseguindo me dedicar a algumas horas de estudos durante a noite e nos finais de semana”, conta. Solange aponta outro desafio dessa nova realidade acadêmica, além da falta de tempo e espaço em casa para se dedicar aos estudos, como a instabilidade da internet durante as aulas síncronas, momento em que as intérpretes de Libras ficam “congeladas”, então, é necessário esperar até que a rede volte ao normal.

Apesar das dificuldades enfrentadas nesse período, Solange mostra que a surdez não é um impedimento para buscar uma formação. “As pessoas com deficiência auditiva, física, visual e mental precisam do apoio das instituições para implementar os recursos de acessibilidade nos espaços educacionais e profissionais. Tendo esses recursos disponíveis, os alunos com deficiência conseguem ter acesso aos estudos e formação profissional”, destaca.

Ao todo, 13 estudantes da graduação do CEFET-MG apresentam alguma deficiência. Esse dado foi obtido por meio de uma sondagem preliminar realizada pela Coordenação do Programa de Inclusão e



Solange Mendes é grata por fazer parte da história do CEFET-MG: “A escola cumpre a missão de promover um ensino que respeita as diversidades”.

Diversidade, vinculada à Diretoria de Desenvolvimento Estudantil (DDE), que busca criar em todos os *campi* da Instituição, os Núcleos de Acessibilidade e Apoio à Inclusão. “Com esses Núcleos, será possível monitorar, acompanhar e conseguir mais informações sobre esse público e, assim, propor políticas mais específicas, criando diretrizes e ações”, explica a coordenadora do Programa, a pedagoga Edna Vieira.

Alternativas

Mesmo com os obstáculos enfrentados por muitos estudantes no retorno das aulas nos cursos superiores, a Instituição tentou criar mecanismos para atender a todos de maneira ampla, seja por meio de auxílios, seja a partir da extensão do limite de créditos por semestre, podendo chegar a 26. Segundo a diretora de Graduação, Danielle Marra, os professores e estudantes da graduação estavam ansiosos para o retorno das aulas e isso foi possível depois de muita discussão e propostas das normas vigentes. Além das aulas, os estágios curriculares estão caminhando normalmente, já que as empresas

parceiras adotaram o estágio remoto, ou, quando presencial, estão respeitando todas as medidas de segurança, e as refeições de grau estão ocorrendo remotamente. “Mesmo sendo virtual, a cerimônia foi mantida. Apesar de ter sido diante de uma tela de computador, foi muito emocionante”, afirma.

A diretora aponta alguns desafios a serem vencidos com essa demanda de isolamento social, como as disciplinas práticas que não foram ofertadas remotamente e precisam ser pensadas e regularizadas pelo Comitê de Trabalho de Prevenção à COVID-19. “Nós temos professores e estudantes que estão no grupo de risco; então, as dificuldades são muito grandes. À medida que o tempo vai passando, novas questões vão surgindo e a gente vai resolvendo”, explica Danielle.

Mesmo diante de tantos desafios, Solange Mendes é grata por fazer parte da história do CEFET-MG. “É uma excelente oportunidade estudar no CEFET. Ao ingressar, fui muito bem recebida pelos servidores, coordenadores de curso, professores e alunos. O CEFET cumpre a missão de oferecer ensino gratuito e de qualidade e, para mim, representa o ensino que promove o respeito às diversidades culturais”, finaliza Solange.



Coordenação mapeia alunos com deficiência para ações específicas

Em julho de 2020, foi criada a Coordenação do Programa de Inclusão e Diversidades, que é vinculada à Diretoria de Desenvolvimento Estudantil (DDE). Desde então, a equipe da Coordenação vem realizando um trabalho de organização dos dados referentes à inclusão e coleta de dados de estudantes do CEFET-MG que têm algum tipo de deficiência e, por isso, precisam de auxílio da Instituição.

A proposta, daqui por diante, é criar uma representação dessa Coordenação em cada um dos onze *campi* do CEFET-MG, que serão denominadas Núcleos de Acessibilidade e Apoio à Inclusão. Com isso, será possível realizar o monitoramento e acompanhar o desenvolvimento dos alunos em cada *campus*. Assim, a equipe conseguirá obter mais informações sobre esse público e fazer o acompanhamento mais direcionado.

Com os dados já coletados até agora nos *campi*, a Coordenação detectou na Graduação 13 alunos com alguma deficiência. Dessa forma, a Coordenação está desenvolvendo diretrizes para que consiga discutir o fluxo de atendimento dos estudantes e ações mais específicas.

Educação inclusiva

Entre as ações para criar práticas educativas inclusivas, possibilitando o acesso, a permanência, a participação e o aprendizado de todos os estudantes do CEFET-MG, no dia 3 de novembro a Coordenação do Programa de Inclusão e Diversidades realizou o webinar “Educação inclusiva e o ensino remoto emergencial”, transmitido pelo canal do CEFET-MG no *YouTube*.

O webinar, que foi visualizado por cerca de 400 pessoas, contou com a participação da diretora de Ensino do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (IFMG), professora Luciana Oliveira, e a coordenadora pedagógica do Instituto Pulso, Ozana Leal.

De acordo com a coordenadora do Programa de Inclusão e Diversidades do CEFET-MG, a pedagoga Edna Vieira, que mediou o debate entre as especialistas, precisamos partir do entendimento que educação inclusiva é para todos e para cada um. Dessa maneira, conta Edna, temos que considerar as especificidades de cada estudante para que haja produção de conhecimentos. “Então, em vez de seguir padrões predeterminados, a educação inclusiva deve se dar a partir do reconhecimento da diversidade de formas de aprendizado. Nesse sentido, a escola e todos os seus agentes são convocados a rever e a recriar suas práticas, buscando, sempre, novas possibilidades educativas, com base no conhecimento e na valorização das diferenças”, explica a pedagoga.

Ainda segundo Edna, com a pandemia, tanto o CEFET-MG, quanto instituições de ensino no mundo inteiro têm buscado implementar o ensino remoto na tentativa de manter o vínculo com os estudantes e de continuar as atividades escolares. “Com isso, do dia para a noite, fomos obrigados a rever nossas práticas e trazer para o ambiente virtual todas as questões de aprendizado. Dessa forma, temos que refletir quais os impactos dessas mudanças para a inclusão”, afirma.



“Precisamos entender que educação inclusiva é para todos e para cada um”, diz Edna.

Assista ao webinar



Com o ensino remoto, alunos da pós-graduação experimentam novos desafios nas pesquisas

“Os discentes estão vivendo um período de bastante ansiedade, e não tem como ficar livre dele. Eles tiveram um planejamento modificado à força”, Cláudio Turani, coordenador do Posmat

• Gilberto Todescato Telini •

O perfil de aluno da pós-graduação é bastante diferente do observado em outros níveis de ensino. Um marcador para esse dado é um relatório do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), divulgado em agosto, segundo o qual menos de 1% deles não possui acesso à internet. Isso significa que, com o Ensino Remoto Emergencial (ERE), a maioria dos pesquisadores não sofreu impactos de ordem tecnológica durante a oferta de disciplinas ou levantamentos teóricos.

Esse fato, inclusive, facilitou a implementação da modalidade na pós-graduação do CEFET-MG. “Nos cursos de mestrado e doutorado, diferentemente do que ocorre na graduação e na Educação Profissional Técnica de Nível Médio, as disciplinas não representam a atividade majoritária do processo de formação do aluno, cujo papel cabe à elaboração e defesa das teses e dissertações”, explica o diretor de Pesquisa e Pós-Graduação, Conrado Rodrigues.

No entanto, existe uma diversidade de cursos de mestrado e doutorado na Instituição, cada um com uma especificidade, distribuídos, inclusive, pelo interior de Minas. Esse fator, que também difere dos demais níveis de ensino, desafiou a Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação (DPPG) na implementação do Ensino Remoto. “Cada programa de pós-graduação tem

seu próprio regulamento, com regras próprias para a sua gestão e a organização das atividades acadêmicas. Esse aspecto teve uma influência marcante no nosso trabalho, uma vez que tivemos que elaborar uma estrutura normativa mais geral para o ERE sem ferir a autonomia dos programas de pós-graduação”, pontua o diretor.

Entraves

Inês Bueno é aluna da primeira turma do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), ofertado em rede nacional no *campus* Divinópolis desde 2019. Ela conta que as disciplinas iniciais do curso foram facilmente adaptadas à nova modalidade. “Faltava realizar presencialmente apenas mais uma disciplina obrigatória, que foi adequada imediatamente ao contexto da pandemia, antes mesmo do CEFET-MG implantar oficialmente o ERE”, lembra.

A oferta de disciplinas também não foi um problema no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Materiais (Posmat), segundo o coordenador, Cláudio Turani. “Atualmente, estamos ofertando todas as disciplinas que estavam programadas para o primeiro semestre de 2020. Claro que os professores têm ciência de que o ERE não substitui integralmente o



Com o cenário atual, a bibliotecária Inês Bueno não poderá mais realizar pesquisa de campo.

presencial, e isso está sendo levado em conta”.

Se, por um lado, os alunos de mestrado e doutorado não enfrentam problemas dessa ordem, por outro, atividades de campo e laboratório estão comprometidas, ainda suspensas em função da pandemia. “Os projetos de pesquisa envolvem uma etapa que pode ser realizada de forma remota, como revisão bibliográfica e levantamento de dados, mas, no caso das Engenharias, as atividades práticas são inerentes ao curso, especialmente na área de materiais”, destaca o professor Cláudio.

Leonardo Schiavo, que pesquisa soldagem no Posmat, tem vivenciado essa realidade. Com atraso na sua qualificação, que era para ter ocorrido em julho, ele acredita que, se não fosse o Ensino Remoto, “certamente haveria um atraso ainda maior na conclusão das etapas para a qualificação. Entretanto, para dar continuidade às demais, preciso ter acesso aos laboratórios do CEFET-MG.”

“Temos acompanhado de perto o esforço para retomada das atividades em laboratório, com foco exclusivo em pesquisa, com protocolos de biossegurança e restrições de número de alunos. Aprovamos uma resolução que prorroga os prazos de conclusão dos cursos de pós, considerando que eles dependem da estrutura física para terminar suas atividades. Enquanto o protocolo não for aprovado e colocado em funcionamento e os estudantes não puderem acessar presencialmente os laboratórios, estenderemos o prazo. É o mínimo que poderíamos fazer”, destaca o professor Cláudio, que também integra o Conselho de Pesquisa e Pós-Graduação (CPPG) do CEFET-MG.



Leonardo Schiavo, aluno do Posmat, acredita que ensino remoto foi fundamental para cumprir etapas do mestrado.

Mudanças

Em boa parte dos casos, alunos de mestrado e doutorado entram com um propósito de pesquisa bem definido, que pode ser parcialmente alterado pelos orientadores, mas, dessa vez, quem traçou mudanças consideráveis nesse percurso foi a pandemia. “Os discentes estão vivendo um período de bastante ansiedade, e não tem como ficar livre dele. Eles tiveram um planejamento profissional modificado à força”, explica o professor Cláudio Turani.

Karina Bessa também é aluna do ProfEPT, em Divinópolis, e pesquisa “A formação pedagógica de professores que atuam na Educação Profissional e Tecnológica: entre saberes e práticas”. Inicialmente, ela previu uma pesquisa-ação, metodologia que exige contato direto com professores e observação de suas práticas pedagógicas nas escolas. “Esse contato teve que acontecer virtualmente e a observação fica inviabilizada, visto que o ensino remoto não acontece da mesma forma que o ensino presencial”, explica. Consequentemente, os resultados também serão diferentes do que pretendia. “A grande característica do mestrado profissional é a criação e validação de um produto educacional. No caso da minha pesquisa, esse produto será um curso de capacitação pedagógica para os professores participantes. Esse produto também sofrerá alterações, visto que, provavelmente, não poderá acontecer de forma presencial como o planejado”, finaliza.

Inês Bueno, que se dedica à pesquisa sobre a lacuna entre o trabalho de professores e bibliotecários no letramento informacional de estudantes, está tendo que redefinir seu percurso. “A observação participante, que demanda a presença do pesquisador no campo junto aos pesquisados, está inviabilizada para acontecer no momento, não havendo possibilidade de realizá-la adequadamente na modalidade remota. Outro limitador é o número considerado baixo de respostas que provavelmente poderão ser coletadas nos questionários *on-line*, fato esse já observado e relatado por muitos pesquisadores”, explica.

No caso de alunos que recebem bolsas de pesquisa, as mudanças são ainda mais fundamentais para a conclusão do curso. “Muitos dos nossos alunos recebem bolsas de

estudos que têm prazo de vigência definido. Mesmo tendo havido prorrogação da vigência pelas agências de fomento, os alunos sabem que precisam continuar desenvolvendo seus projetos, mesmo com toda a adaptação que este período tem nos exigido”, detalha o diretor Conrado Rodrigues.

Futuro

O que motiva a realização de pesquisas é a observação de demandas da sociedade por melhores produtos e serviços, além de ser um caminho para questionar conhecimentos estabelecidos. As pesquisas são também reflexo do seu tempo e, nesse sentido, a pandemia pode trazer importantes contribuições para o trajeto dos cientistas.

“Teremos pela frente um grande trabalho no sentido de perceber mais claramente as mudanças em nossa sociedade decorrentes desse cenário. Há novas variáveis, mudanças de prioridades, novas urgências e novos pontos de vista em todas as áreas de pesquisa. Manter-nos como pesquisadores e como programas de pós-graduação relevantes e com contribuições importantes para a sociedade depende da nossa capacidade de perceber as diferentes formas com que esse ano atípico impactará a nós e às nossas áreas de pesquisa”, finaliza o professor Conrado.



Karina Bessa, que cursa o ProfEPT em Divinópolis, viu sua pesquisa mudar com as restrições impostas pela pandemia.

Cursos, lives e e-books contribuem para aprendizagem de professores durante o ERE

Grupo de Trabalho realiza levantamentos entre docentes e atividades para superar os problemas da nova sala de aula imposta pela pandemia do coronavírus

• Diogo Tognolo •

Horácio Albertini, professor do Departamento de Eletromecânica do *campus* Araxá, viu sua rotina mudar a partir de agosto. Acostumado à sala de aula e a atividades de pesquisa, o docente precisou acrescentar a gravação de vídeos às suas tarefas de preparação para as disciplinas ministradas no CEFET-MG. “As duas primeiras semanas do Ensino Remoto Emergencial (ERE) foram complicadas, principalmente porque nunca tive experiência em gravação de videoaulas. Enquanto eu não desenvolvi uma metodologia de gravação, passei muito apertado com o tempo gasto nessa atividade”, explica.

As dificuldades pontuadas por Horácio não foram incomuns, afirma a professora Maria Adélia da Costa, do Departamento de Educação, que vê o esforço de se transpor práticas pedagógicas presenciais para práticas virtuais. Entre os problemas enfrentados por docentes, Adélia destaca as dificuldades de se dosar a quantidade de material disponibilizado nas atividades assíncronas e dúvidas sobre formas de avaliação. Até mesmo as plataformas apresentam desafios, como “dialogar com uma tela ‘muda’ de computador, uma vez que os alunos têm resistido a uma interação visual nas aulas síncronas”, afirma.

“Esses desafios não podem ser colocados na ‘conta’ dos professores, porque nunca houve uma situação similar a essa que estamos vivendo”, explica Adélia, lembrando que mesmo o Ensino a Distância (EaD), modalidade mais próxima do ERE, apresenta muitas diferenças. Para superar os desafios, o CEFET-MG instituiu, em julho, o Grupo de Trabalho para Capacitação de Servidores para o Ensino Remoto Emergencial (GT Capacitação). Com representantes de docentes e técnicos administrativos, o GT busca propor, acompanhar e executar ações de capacitação e realizar levantamentos de quais conhecimentos e habilidades faltam aos servidores para a realização do ERE.

A assistente social Regina Rita Oliveira, presidente do GT Capacitação, explica que o trabalho foi feito em parceria com a recém-criada Escola de Desenvolvimento de Servidores (EDS). A partir de um levantamento das lacunas, da qualidade do acesso digital e condições de saúde dos docentes, o grupo estruturou a oferta de *webinários*, *e-books* e cursos. As atividades vão desde a explicação das plataformas utilizadas no ERE a discussões sobre metodologias, direitos autorais, avaliações e orientações pedagógicas. “Podemos afirmar que foi um grande desafio promover, em um curto espaço de tempo, os treinamentos necessários para iniciar o ERE do CEFET-MG. Apesar das dificuldades e limitações impostas pelo isolamento social e o trabalho remoto, foi possível buscar soluções criativas para alcançar os objetivos”, conta Regina.

Adélia considera importante essa constante capacitação e reflexão sobre o trabalho do docente. Durante sua trajetória como professora, esse foi um campo de trabalho para ela, que realizou seu doutorado em Educação, na Universidade Federal de Uberlândia, com a tese “Políticas de formação docente para a educação profissional e tecnológica”, e coordenou o Programa de Aperfeiçoamento Docente, que realizou atividades em diversos *campi* do CEFET-MG. Como membro do GT Capacitação, Adélia desenvolveu, entre outras atividades, *e-books* que tratam de metodologias ativas de aprendizagem, orientações pedagógicas e concepções de avaliação para o ERE. Para ela, um dos grandes desafios para a docência no ERE está no “desapego” das práticas tradicionais.

O professor Horácio Albertini conta que ao longo da realização do ERE se sentiu mais confortável e proficiente no seu novo papel. Em suas disciplinas, ele pede que os estudantes realizem resumos semanais, que contribuem para o entendimento do conteúdo. Além disso, realiza

em suas aulas síncronas *quizzes* mediados por uma plataforma *on-line* que, de forma lúdica, estimula o aprendizado. “Na minha opinião, o bem mais precioso que temos durante esse momento de ERE se chama tempo, tanto para os professores, quanto para os alunos. O maior desafio é o gerenciamento desse tempo; no meu caso, como professor, para planejar, elaborar as aulas e corrigir os resumos e, para os alunos, assistir às videoaulas, ler os textos postados e realizar as atividades propostas”, explica. Enquanto ambos os lados tentam melhorar o gerenciamento

de seu tempo e superar outras dificuldades do modelo, Horácio vê um resultado positivo. O *feedback* de seus alunos tem sido bom, e a promoção de cursos de capacitação para os professores tem surtido efeito.

“Destaco que os professores estão mobilizando saberes em busca de um modo ideal de se fazer as aulas em meio a tantos desafios”, afirma Adélia. “Para que não haja sofrimento para os docentes e discentes, é preciso que pratiquemos o desapego conteudista e consideremos que essa situação é emergencial”.

Ações de Capacitação para o ERE

CURSOS OFERTADOS	PLATAFORMA	CARGA HORÁRIA	Nº DE INSCRITOS
Turma Virtual do SIGAA para o Ensino Remoto Emergencial	Moodle / CEFET-MG	12	692
Metodologias Ativas de Aprendizagem no Contexto do Ensino Remoto	Microsoft Teams	20	618
Microsoft Teams e Video@RNP para o Ensino Remoto Emergencial	Moodle / CEFET-MG	10	698
Moodle - CEFET-MG	Moodle / CEFET-MG	12	594
Modos de comunicação empregados em diferentes estilos e técnicas de videoaulas	GoBrunch	3	200 ¹
Formação continuada de docentes do CEFET-MG: estratégias de acompanhamento para o Ensino Remoto Emergencial ²	Microsoft Teams	20	200 ¹

WEBINÁRIOS	LINKS
Experiências de Ensino Remoto na Educação Superior	https://youtu.be/2-TaUvElHv4
Experiências de Ensino Remoto na EPTNM	https://youtu.be/LiaWTgwmipQ
Ensino Remoto Emergencial e Educação a Distância: diferenças, semelhanças e desafios	https://youtu.be/-JqUxCh2okM
O papel dos docentes no ERE – Possibilidades e Desafios	https://youtu.be/25cSfZekgi8
Painel Digital para TAE's, Docentes e Estagiários ligados ao Ensino Remoto Emergencial	https://youtu.be/KCNRwM1T-m4
Ressignificando a Avaliação: Conceitos e Ferramentas	https://youtu.be/KCNRwM1T-m4
Direitos Autorais: Aplicabilidade no ERE	https://youtu.be/lvJYVWA3xfg

MATERIAIS	LINKS
Roteiro para Construção de Conhecimento: Trilha de Conhecimento para Docentes e Técnicos Administrativos	http://shorturl.at/dfiGH
Metodologias Ativas de Aprendizagem Aplicadas ao Ensino Remoto Emergencial	http://shorturl.at/nJKTY
Orientações Pedagógicas para o Ensino Remoto Emergencial	http://shorturl.at/gkFKT
Avaliar no ERE Exige Superar Paradigmas	http://shorturl.at/sBUZ1

¹ Cursos com limite de vagas ofertadas

² Cursos em fase de planejamento

Técnicos administrativos se reinventam diante das mudanças causadas pela COVID-19

Setores-Chave na implementação do ensino remoto precisaram rever seus fluxos de trabalho para atender à comunidade acadêmica durante o Ensino Remoto Emergencial

• Andréa Santiago •

Em março, o novo coronavírus (COVID-19) “chegou” ao Brasil trazendo um cenário repleto de mudanças. No CEFET-MG, seguindo as recomendações dos órgãos de saúde para evitar a disseminação do vírus, foi instituído o trabalho remoto para todos os servidores da Instituição. Desde então, todos precisaram “reinventar” sua forma de trabalhar.

Passado o susto inicial e já mais adaptados ao teletrabalho, o mês de agosto trouxe um novo desafio: o Ensino Remoto Emergencial (ERE). A partir desse momento, fez-se necessário trabalhar para oferecer toda a infraestrutura necessária para a efetivação da nova modalidade de ensino. Atividades como registro e controle acadêmico, tecnologia da informação, comunicação e bibliotecas foram algumas das mais impactadas.

Uma das primeiras questões que surgiram após a decisão pelo ERE foi sobre as plataformas virtuais que seriam utilizadas para aulas, momento em que foi instituído um grupo de trabalho para definir e apoiar a estruturação de plataformas. Uma equipe que teve um prazo de apenas três semanas para encontrar as soluções mais adequadas.

Ao final, o grupo, presidido pelo diretor adjunto de Tecnologia da Informação, Cléver de Oliveira Júnior, e composto por servidores da área de TI, administrativa e professores, definiu que as plataformas utilizadas seriam *SIGAA Turma Virtual*, *AVA Moodle*, *Video@RNP* e *Microsoft Teams*.

O trabalho não parou por aí. Também era preciso garantir a segurança do acesso, via *firewall*, para detectar e prevenir invasões à rede de dados e aos sistemas, bem como informar as tentativas de ingresso indevido ou realização de atividades maliciosas na rede do CEFET-MG. Além disso, foi necessário dobrar a quantidade de máquinas virtuais e recursos do SIGAA em tempo recorde, considerando o elevado número de acessos

e operações simultâneas na plataforma. A Diretoria de Tecnologia da Informação (DTI) também se empenhou na realização de melhorias da interface para o acesso em dispositivos móveis.

Comunicação

Em um cenário com tantas novidades, o papel da Secretaria de Comunicação Social (Secom) foi garantir que a comunidade universitária fosse informada sobre os detalhes relacionados ao Ensino Remoto Emergencial (ERE). Uma das primeiras iniciativas, em parceria com a DTI, foi criar uma [aba específica sobre a modalidade de ensino](#) na página inicial do *site* institucional. No espaço, de maneira organizada, estão disponíveis todas as resoluções relacionadas ao assunto. Ainda nessa parte do portal, há uma seção em que a equipe elencou as principais perguntas e respostas relacionadas sobre a modalidade de ensino, selecionadas por membros da Comissão Geral.

Outra frente importante de trabalho da Secom tem sido a apresentação/mediação das lives transmitidas no canal oficial do CEFET-MG no *YouTube*. Houve ainda a elaboração de materiais gráficos para a divulgação dos eventos, sob a responsabilidade da Coordenação de Design e Comunicação Audiovisual (CDCA).

Produção de notícias sobre o ensino remoto, sob os mais diversos enfoques, também foi e é responsabilidade da Secom, por meio da Coordenação de Jornalismo e Conteúdo (CJC), com material publicado no *site* institucional e nas redes sociais. Nesse aspecto, os veículos de comunicação das cidades onde o CEFET-MG se faz presente atuam como parceiros, publicando as sugestões de pauta enviadas pelos jornalistas da Instituição de maneira de maneira espontânea.

Registro Escolar

Após a definição das plataformas em que ocorreriam as aulas do ensino remoto, e a comunidade universitária ser informada sobre como as atividades seriam realizadas, foi dado início a outra ação essencial desse processo, agora por parte Secretaria de Registro e Controle Acadêmico (SRCA) as rematrículas. Isso foi necessário uma vez que parte das matrículas realizadas no início do primeiro semestre, quando as aulas presenciais foram suspensas, ter sido cancelada, sendo preciso rematricular todos os interessados em participar do ERE.

Vencido mais esse desafio, o setor precisou repensar como se daria a emissão de documentos, ainda que esse serviço, em parte, já funcionasse eletronicamente. “Como já tínhamos no sistema recursos para emissão de documentos *on-line*, como declaração, certificado, histórico com assinatura digital, isso não nos causou grandes dificuldades”, conta Francisco Lanza, da SRCA.

Nesse caso, a mudança foi positiva, dinamizando a execução do serviço. Solicitações que antes eram feitas presencialmente nos guichês, por meio de formulários e contato telefônico passaram a ser solucionadas pelo correio eletrônico, o qual foi amplamente divulgado pelo setor logo no início da pandemia.

A exceção se deu apenas no caso da emissão do diploma, o qual foi temporariamente suspenso, devido à necessidade de acesso aos arquivos físicos dos estudantes, o que não é viável durante o isolamento. Nesse caso, o documento será entregue em um prazo de 60 dias a contar do retorno das atividades presenciais, com data ainda não prevista. Ainda assim, foi possível realizar solenidades remotas de colação de grau para os alunos concluintes. Os formandos receberam, por *e-mail*, os seus certificados de conclusão de curso e históricos finais.

Biblioteca

Alunos e professores já reunidos virtualmente, aulas sendo ministradas, mas e a Biblioteca? Como acessar aos livros se o espaço precisou ser fechado? A solução veio com a assinatura de um contrato do setor com a *Biblioteca Virtual Pearson*, a maior plataforma de *e-books* universitários e formação profissional do Brasil, com 7.464 livros digitais em diversas áreas do conhecimento, produzidos por reconhecidas editoras nacionais e internacionais. Em parceria com a Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação (DPPG), a coordenação da Biblioteca do CEFET-MG também oferece acesso às plataformas de *e-books eBrary* e *ProQuest*.

Além de disponibilizar livros para as aulas remotas, Wagner Moreira de Souza, coordenador do Sistema de Bibliotecas do CEFET-MG, explica que, a partir do fechamento físico das Bibliotecas, os serviços que, mesmo antes da pandemia já eram ofertados remotamente, passaram a ter uma demanda muito maior, como, por exemplo, a elaboração de fichas catalográficas e as orientações para normalizações bibliográficas em trabalhos acadêmicos.

Inseridas completamente no mundo virtual, as Bibliotecas também potencializaram a utilização das redes sociais para a divulgação dos serviços *on-line*, sugestões de fontes de literatura e bases de dados de acesso gratuito disponíveis na internet. “Dentro das possibilidades de cada servidor, as Bibliotecas vêm conseguindo se adequar às exigências do trabalho em casa e do ERE, aprimorando os serviços *on-line* existentes e reforçando a interação com os usuários por meio das redes sociais”, explica o coordenador.



Atividades das Bibliotecas durante a pandemia*

94 nada consta emitidos

78 fichas catalográficas

411 orientações para pesquisa bibliográfica

1.755 atendimentos personalizados.

*Dados até outubro de 2020



Diário do Ensino Remoto Emergencial

Annalyce Gomes
Aluna de Meio Ambiente do *campus* Curvelo



Olá! Meu nome é Annalyce e sou aluna do 3º ano do curso técnico em Meio Ambiente no *campus* Curvelo do CEFET-MG. Vou falar para vocês um pouco sobre a minha rotina escolar.

Antes da pandemia, eu já me considerava uma pessoa organizada, pois, como meu *campus* não fica na cidade onde moro, eu gastava um certo tempo diário para me locomover. Esse tempo que eu perdia, durante meu trajeto ao CEFET-MG, fazia falta, se eu não tivesse um bom planejamento do meu dia a dia. Desse modo, eu sempre organizei minhas tarefas a serem feitas no meu *planner*, oferecido pela Instituição em Curvelo. Agora que estou no terceiro ano do ensino médio, o volume de conteúdos a serem estudados aumentou, reafirmando ainda mais a importância de eu me organizar.

Com a chegada da pandemia, eu enfrentei vários desafios, pois, apesar de ter uma boa experiência com planejamento, tive que enfrentar a procrastinação, a falta de contato social e a falta de aulas presenciais. Isto complicou bastante meus estudos nos primeiros meses. Contudo, eu comecei a pensar que, se eu não tomasse a iniciativa de voltar a estudar, eu nunca alcançaria minhas metas e isso foi a base para que eu pudesse voltar a minha rotina estudantil.

Alguns meses depois, voltei a estudar e comecei a pesquisar também sobre técnicas de estudo para facilitar minha fase de adaptação com o estudo autônomo, conhecendo, então, a metodologia ativa, que é quando o aluno é o próprio autor do seu processo de aprendizagem.

Foi nesse momento que o CEFET-MG decidiu instaurar o Ensino Remoto Emergencial. No início, foi bastante difícil acompanhar tudo, já que tive que aprender a usar as plataformas escolhidas e controlar mais ainda minha organização, visto que o tempo que gastamos para fazer algo virtualmente é muito maior. Por ser uma pessoa que funciona melhor no papel, continuei a organizar meus afazeres no meu *planner*, anotando as datas das minhas tarefas e o que devia fazer, isso tudo separando um tempo extra, caso eu tivesse um dia de desânimo.

O tempo passou e, agora, consegui me adaptar ao ERE e vejo também o crescimento pessoal que tive com essa experiência. O fato de a responsabilidade ser totalmente minha em relação aos meus estudos fez de mim uma pessoa mais competente, centrada, tolerante em relação a situações de desconforto e empática. Claro que ainda passo por situações desafiadoras, mas tento ao máximo encará-las positivamente e com perseverança. Então, essa é minha experiência e deixo aqui uma dica: o mais importante agora é todos nós nos ajudarmos para que possamos superar este desafio juntos!